SIMPOIESDI: semeando práticas simpoiéticas em uma escola de design do Rio de Janeiro

Barbara Szaniecki, Mariana Costard, Vitória Meirelles, Victor Domingues Venancio

design; cidade; sustentabilidade; antropoceno

Diante das transformações socioambientais associadas ao chamado Antropoceno, multiplicam-se debates e práticas voltadas à sustentabilidade, impactando também o campo do design. No contexto da pesquisa "Cidade, design e sustentabilidade: caminhos para cidades sustentáveis por meio do design", o seminário SIMPOIESDI investiga possibilidades de atuação do design frente às complexidades das metrópoles contemporâneas. Este artigo concentra-se nas discussões dos eixos Ressignificações e Regenerações, explorando como práticas e imaginários emergentes contribuem para repensar o papel do design nesse processo e o próprio conceito de sustentabilidade.

1 Introdução: Design, Territorialidades e Antropoceno

O uso do termo Antropoceno para marcar o início de uma nova era gerou, desde o ano 2000, inúmeras discussões e até contestações. Fato é que as mudanças se fazem perceber faz tempo e essa percepção tem provocado mudanças nos hábitos de populações mais vulneráveis e instigado transformações no campo do design. Essas mudanças são visíveis nos territórios urbanos e rurais. Nesta pesquisa intitulada "**Cidade, design e sustentabilidade: caminhos para cidades sustentáveis por meio do design**", como o próprio nome indica, o foco é a cidade. Contudo, a própria cidade vem se transformando em um território urbano que não cabe mais nesse conceito. Na literatura, a preocupação com o destino das cidades se faz sempre mais presente. Em *Villes Terrestres – Petit Manuel d' écologie urbaine*, por exemplo, são propostos pensamentos e práticas potentes para a geração de vidas urbanas voltadas aos cuidados com a terra como solo e com a Terra como planeta: cidades porosas, cidades que sustentam, cidades reabilitadas, cidades produtoras, cidades do cuidado, ainda assim, sem ousar ir além da própria noção de "cidade". O Design, por sua vez, se articulou com outros campos disciplinares e com outros saberes, gerando questionamentos e, ao mesmo tempo, abrindo caminhos que muito extrapolam a área. E, por fim, a sustentabilidade também tem sido requisitada tanto por empresas, sob a etiqueta ESG (*Environmental, Social, and Governance)* quanto por governos, sob as orientações da COP (*Conference of the Parties*) ou ainda, mais localmente, através de secretarias de meio ambiente. Todas essas apropriações do conceito de sustentabilidade, em parte instigantes em parte problemáticas, vêm nos levando a buscar caminhos mais potentes nas articulações entre cidade, design e sustentabilidade.

Esse caminho teve início com pesquisas que deram origem ao livro *O making da metrópole: rios, ritmos e algoritmos* (Cocco e Szaniecki, 2021). Nele, são abordadas tentativas teóricas e práticas por parte dos poderes públicos e interesses privados de encontrar vias de atuação nas cidades contemporâneas. Nos últimos anos, diante da vontade de enfrentar questões urbanas complexas, multiplicam-se conceitos como “cidade criativa” (Florida, 2011), “cidade sustentável” e “cidade inteligente” (Leite, 2012), entre outros. Esses conceitos carregam diferentes percepções do espaço urbano: o espaço urbano entendido como “máquina de produção” se mostra ainda muito atrelado ao período industrial com sua característica separação de funções; já o espaço urbano percebido como “meio de polinização” pode se abrir, por meio de atividades projetuais colaborativas ou codesign, aos emaranhamentos entre natureza e cultura que caracterizam o pensamento contemporâneo; e, por fim, o espaço urbano como “fluxo de informações” não cessa de rearticular aspectos materiais e imateriais da metrópole e, em particular, as dimensões analógicas e digitais onde cidadãos navegam e são por elas navegados, no sentido de serem conduzidos e até potencialmente controlados (Cocco e Szaniecki, 2021). Perceber e pensar a cidade em outros termos leva a projetar em outros termos: para além da arquitetura e urbanismo, o design ganha diversos adjetivos - design sustentável, design regenerativo, design micelial (Biz et al., 2018), design especulativo entre outras denominações - para dar conta desse meio em transformação.

A pesquisa “Cidade, design e sustentabilidade”[1] tem como objetivo pensar e praticar essa cidade que ainda é “máquina de produção” moderna, mas já se transformou “meio de polinização” e, ao mesmo tempo é afetada por “fluxos de navegação” no sentido que todos os dados que produzimos ao longo de nossos trajetos produzem territorialidades, sejam elas visíveis ou não. Em suma, tem objetivos de abrir caminhos para cidades sustentáveis por meio do design, onde cada um dos termos está em mutação. Nossa pesquisa é situada no Rio de Janeiro e é a partir desse chão carioca que foi germinado o seminário Simpoiesdi[2].

O título do seminário se inspira na leitura de Donna Haraway. Em seu livro *Ficar com o problema - fazer parentes no Chthuluceno*, Haraway se refere a Lynn Margulis como referência para o conceito de simbiogênese e a M. Beth Dempster para o conceito de simpoiese. A partir dessas referências, Haraway afirma que:

> “Simpoiese é uma palavra adequada para designar sistemas complexos, dinâmicos,

[1] A pesquisa tem financiamento da FAPERJ (Cientista do Nosso Estado) e do CNPq.

[2] https://www.simpoiesdi.com.br/seminario.

> responsivos, situados e históricos. Ela descreve a mundificação conjunta, em companhia. A simpoiese envolve a autopoiese, desdobrando-a e expandindo-a de maneira gerativa.” (Haraway, 2023, p. 119)

Em seu livro, Haraway observa entrelaçamentos entre artes e ciências - entrelaçamentos que podemos considerar como modos de design e, na sequência, apresenta quatro casos de “modificações de arte-ciência para ficar com o problema” (idem, p.140). Inspiradas nesse pensamento que ela chama de “tentacular”, geramos o seminário que tem como ponto de partida esse conceito e pesquisas desenvolvidas no Laboratório de Design e Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Design da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

O seminário foi organizado em torno de 3 eixos Reciclagens, Regenerações, Ressignificações[3], numa tentativa de ampliar os “erres” iniciais da sustentabilidade. Cada um desses “eixos”, ou melhor, cada um desses “erres” foi “sustentado” por mestrandos e doutorandos do Lada/PPDesdi, reunindo por sua vez pesquisadoras e pesquisadores de outras instituições. Nas pesquisas aqui reunidas sob o tema sustentabilidade por um viés simpoiético, ou seja, onde “tentacular” significa também “tentar” não há, portanto, unidade metodológica, embora haja um caráter experimental comum a todas. Não vamos abordar o eixo Reciclagens: os mil ciclos dos resíduos descartados[4] porque ele já foi tratado no artigo “Imagens do “Lixoceno: cultivar imaginários por meio do design em um mundo de resíduos”[5] (Noury, Szaniecki, Pereira, e Meirelles, 2025) e vamos nos concentrar nas reflexões apresentadas pelos palestrantes dos eixos Regenerações e Ressignificações, tal como concebidos e conduzidas pelos mestrandos Vitória Meirelles e Victor Domingues Venancio, junto com sua orientadora Barbara Szaniecki.

---

[3] O seminário Simpoiesdi é uma Realização do Laboratório de Design e Antropologia (LaDA) / PPDEsdi / UERJ; Organização de Anna Clara Miranda Soares, Carolina Noury da Silva Azevedo, Daniela Hallack Dacorso, Kauê Marcos Pereira da Silva, Mariana Borja Costard, Mariana Alves Monteiro, Raíssa Joanna Vítola Albuquerque, Satsumi Murakami Rocha da Costa, Victor Domingues Venancio, Vitória Meirelles Mendonça do Amaral; Design Gráfico: Mariana Borja Costard; Vídeos: Dani Dacorso, Satsumi Murakami Rocha da Costa e Victor Domingues; Edição de Vídeo: Victor Domingues, Jonathan Nunes e Anna Clara Rodrigues: https://www.simpoiesdi.com.br/

[4] Convidados: Alex Teixeira, Carol Noury, Maria Raquel Lima, Ricardo Cabral. Mediação: Kauê Silva, Provocação: Mariana Monteiro. Apresentação do eixo: Entre os muitos “erres” da sustentabilidade, o de “r” de reciclagem é tido como um dos mais importantes, inclusive nas mais precárias formas de associação. A reciclagem de resíduos é fonte de sustento para muitas pessoas que, apesar da relevância de seu trabalho, são invisibilizadas. Ela envolve uma infinidade de catadores cujas habilidades e conhecimentos sustentam ciclos de vida muito além daquela prevista pela economia circular. Nesta mesa, palestrantes trouxeram suas contribuições para um debate que pode se estender do ciclo dos resíduos em termos de valor econômico até as possibilidades de valorização social e cultural – por meio de táticas de visibilidade e práticas artísticas, das artes visuais às artes cênicas e sem dúvida do design –, de uma rica materialidade composta por plásticos e papéis entre outros materiais.

[5] https://www.even3.com.br/anais/xsds2025/1111318-imagens-do-lixoceno--cultivar-imaginarios-por-meio-do-design-em-um-mundo-de-residuos/

Registro do Seminário Simpoiesdi, autoria própria.



2 Regenerações: os mil tons de verde de uma horta-escola

O que pode uma horta numa escola de design, em pleno centro da cidade do Rio de Janeiro? A partir da experimentação de estar e de cultivar a terra, o espaço propõe sentir e refletir sobre as co-relações existentes ali, e como essas relações podem impactar o próprio modo de fazer design. Na mesa “Regenerações: os mil tons de verde de uma horta-escola”, palestrantes trouxeram suas contribuições para um debate sobre as relações entre todos os seres, humanos e não humanos, e como designers podem atuar tecendo e fortalecendo essas relações. As relações entre design e agroecologia são fundamentais para uma atuação projetual geradora de meios urbanos mais sustentáveis em termos de alimentação, de saúde, de cuidados com terrâneos e territórios, e de processos regenerativos mais em geral.

Nesta mesa reunimos diferentes perspectivas e experiências que percebem como as relações entre design, agroecologia, educação ambiental e práticas comunitárias em contextos urbanos podem funcionar. Na ocasião os palestrantes nos contaram suas experiências de como as hortas urbanas podem funcionar como um lugar múltiplo e diverso. Onde pode ser e ter o cultivo de alimentos, de aprendizagem, de experimentação, de construção de outras formas de relações com os territórios e com os seres que habitam a terra. Tivemos a participação de

Pedro Biz, doutor pela ESDI/UERJ, de Clara Souza do PermaLab, de Rose Trovão do Centro de Integração da Serra da Misericórdia e de João Portella do Mutirão Agroflorestal, além da mediação de Clara Acioli e André Luiz Carvalho.

Foi Pedro Biz, doutor pela ESDI/UERJ, quem abriu os trabalhos desta mesa e foi importante porque situou o debate num território que se estende do Espaços Verdes da Esdi até a Serra da Misericórdia no Rio de Janeiro. Pedro contou um pouco sobre a formação desse laboratório de agricultura urbana e design chamado Espaços Verdes que já completou 10 anos. Em 2015, a falta de recursos e a demissão de terceirizados levou professores e estudantes a realizarem mutirões de limpeza. A iniciativa evoluiu para o desenvolvimento de compostagem e, na sequência, se constituiu como um espaço para pensar e praticar, juntos, agricultura urbana e design. Estudantes da graduação, como Vitória Meirelles, organizaram muitos mutirões e, com base nessa experiência, ela desenvolveu seu TCC e depois seu mestrado. Estudantes da pós-graduação também começaram a explorar possibilidades de design de artefatos (como foi o caso de Pedro Themoteo, procurando produzir uma luminária com a goiabeira da horta). Com efeito, desde o início, junto com a proposta de combinar agricultura urbana e design, vinha a vontade de experimentar um codesign com não humanos. Em seu doutorado, Pedro conheceu um outro doutorando, Diego Costa, que o levou a conhecer Ana Santos, articuladora do Centro de Integração na Serra da Misericórdia (CEM) e, desse encontro, veio a ideia inspirada no antropólogo Arturo Escobar de que o design poderia contribuir para a formação de uma comunidade de agricultores urbanos. Com Diego na escola Bernardo de Vasconcelos, Camille Moraes na Clínica da Família e Pedro Biz na creche EDI Maria de Lourdes, o design “compostou” na Serra da Misericórdia uma rede simpoiética de atenção à educação, à alimentação e à saúde.

Clara Souza, do PermaLab, apresentou experiências de educação ambiental inspiradas na agroecologia e na permacultura, desenvolvidas em escolas e territórios urbanos. Em suas iniciativas, a horta é vista como um dispositivo pedagógico capaz de articular diferentes temas, como alimentação, compostagem, biodiversidade e cuidado com o local. Ao mesmo tempo, essas práticas buscam estimular uma visão crítica sobre questões socioambientais e fortalecer vínculos com os territórios, valorizando saberes locais e práticas comunitárias.

Rose Trovão, do Centro de Integração da Serra da Misericórdia, compartilhou a experiência da Escola Popular de Agroecologia da Terra Prometida, relatando a importância das redes comunitárias e da organização coletiva para a construção de lugares de aprendizagem. O CEM surgiu em um contexto de vulnerabilidade social e passou a articular atividades como

alfabetização, culinária, compostagem e cultivo de alimentos. Nesse caso, a horta funciona como um local de encontro e de cuidado coletivo, fortalecendo vínculos entre as pessoas e o território.

A última fala foi a de João Portella**,** do Mutirão Agroflorestal que amarrou alguns pontos dos palestrantes anteriores. Ele frisou a relevância desse encontro entre a agroecologia e o design ao mesmo tempo em que provocava reflexões sobre a potência desse encontro numa escola de design, indagando o que é uma horta escola ou ainda o que uma horta escola pode contribuir para o projeto político pedagógico de uma escola de design. Frisou também que o princípio agroecológico não afeta apenas a cidade, o espaço urbano, como toda a sociedade. E isso o levou a explicitar essa afetação em três pontos: a agroecologia é uma prática social, tão ancestral quanto contemporânea, cujos princípios podem influenciar campos tão diversos como educação, a economia e... o design; a agroecologia é também uma etnociência no sentido que valoriza os conhecimentos dos povos tradicionais, assim como estabelece pontes entre saberes populares e científicos, lembrando que a agroecologia é reconhecida em congressos e revistas; e, por fim, a agroecologia é também movimento político, que não diz respeito a partidos e sim à relação de humanos entre si como também outros seres, animais e plantas, com os invisíveis e os encantados. Em suma, a fala de João trouxe uma experiência que evidencia como o trabalho comunitário com a terra pode fortalecer relações entre pessoas, plantas e territórios, promover práticas regenerativas, formas colaborativas de cuidado e outros modos de percebermos a terra e seus habitantes.

Todas essas falas, tanto de pesquisadores do design e também das ciências ambientais, assim como de atores sociais engajados nessas questões, contribuíram para orientar a perspectiva da pesquisa de mestrado de Vitória Meirelles, que resultou em sua dissertação “Design e Ecologia: as relações multiespécies codesenham paisagens da horta no Espaços Verdes da Escola Superior de Desenho Industrial”. Na horta da ESDI, Vitória experimentou, percebeu e pensou processos de co-design das relações multiespécies, e todas essas experiências ajudaram a perceber um fazer design mais situado e relacional. Nesta percepção, estar e fazer em uma horta nos leva a possibilidades para observar, construir e contar outras formas de convivência, cuidar e colaborar entre diferentes formas de viver, multiplicando as possibilidades de pensar e praticar o design diante dos desafios socioambientais contemporâneos.

Registro do Espaços Verdes. Fonte: Espaços Verdes



3 Ressignificações: as mil histórias das imagens encontradas

Ao circular pelas ruas de nossas cidades e, em particular, as de alguns bairros do Rio de Janeiro, é possível observar imagens e objetos usados à venda nas calçadas. Embora tenham sido descartados, pelas mãos cuidadosas dos vendedores eles voltam a ser mercadorias. Através de processos de seleção de cores e formas, o chão se transforma em vitrine de exposição e os vendedores em curadores do acaso, ou seja, cuidadores e criadores de “vitrines” de coisas encontradas. Através da escolha das imagens e de suas identificações com elas, os vendedores contam as suas próprias histórias e outras ainda. De certo modo, nos convidam a fazê-lo também. Ao invés de restaurar um passado, trata-se de imaginar histórias e inventar futuros para elas. Esta é uma breve descrição da pesquisa de mestrado de Victor Domingues Venancio, intitulada “Imagens esquecidas, objetos e histórias encontradas no Shopping Chão".

Nesta mesa, a convite de Victor, que fez a mediação, e com provocações de Daniel Portugal, os palestrantes compartilharam suas reflexões sobre lugares onde imagens, memórias e histórias são encontradas, sobre os processos de ressignificação das mesmas e, por fim, sobre os novos lugares onde voltam a se encontrar com o público. Se apresentam, assim, sob novas formas, desde instalações a audiovisuais, bem como design."

O fotógrafo Gê Vasconcellos apresentou seu trabalho intitulado "Testemunho". Gê parte de uma situação vivida por ele, um episódio de restrição à sua liberdade de ir e vir nessa cidade, e a registra de uma forma insólita, entre "foto grafada" e "foto não grafada". Ou seja, partes da situação são fotografadas e outras partes são apenas descritas textualmente. Esse modo de narrar a situação diz respeito à própria natureza dessa vivência: Gê se encontra em um ônibus lotado e fotografa com sua câmera analógica uma blitz na saída do túnel do Rio Sul, situação infelizmente comum do verão carioca. Gê fotografa. Uma mulher dentro do ônibus o denuncia. Ele para de fotografar. Após ser revistado, já na viatura, Gê recomeça a fotografar. Gê é algemado pelos policiais e para novamente de fotografar. No objeto gráfico que cria junto com Pablo Meijueiro, imagem e texto, fotografia e tipografia narram juntas essa vivência do Rio de Janeiro: Gê, mulher, menino negro, "canas", Carlos e Caique são enredados simpoieticamente por essa experiencia carioca.

Tatiana Altberg também apresentou seus trabalhos, frutos de experiências na cidade que começam com o Mão na Lata — projeto voltado para adolescentes da Maré (https://www.maonalata.com.br/artigo/289), por meio da fotografia e da literatura. O projeto resultou em vários livros (*Cada dia meu pensamento é diferente*, entre outros) mas Tatiana frisou em vários momentos que o que mais interessa é a experiência de criar "um espaço-tempo, trocar experiência, olhar para nós mesmos enquanto coletivo, lembrar das histórias guardadas, fabular e depois, de alguma forma, oferecer parte disso pra cidade" (4/30). Tatiana trouxe vários livros de diversos formatos e com variadas experimentações texto-imagens: de fotografia pinhole à fotografia digital, explorando texturas, mas sempre frisando a importância da formação de "comunidades temporárias que não são nem tão temporárias assim" (9:39). Em sua palestra, prosseguiu apresentando experiências com crianças, jovens que cumprem medidas socioeducativas na unidade do Degase, pessoas em situação de rua que formaram uma comunidade na Maré em torno do uso de crack. Em suma, são comunidades diversas que têm as suas imagens extremamente estigmatizadas pelo senso comum, mas que Tatiana diz: (11:43 – 12:09) "durante os encontros, ao mesmo tempo que eu estimulo as pessoas a se apropriarem de si, ao contornarem, a contornarem seus corpos com suas histórias e imagens, eu crio também um contorno pro meu próprio corpo por meio desses exercícios de "outridade",

gestos de outrar-se com os ‘eus’ e as coisas que estão no mundo, gestos de fazer como “fechar com o corpo-câmera nesse fazer simpoiético”.

O que as ideias de “corpo como câmera” de Tatiana, e de “foto não grafada” de Gê parecem ter em comum é que elas evocam a possibilidade de pensar com as imagens mentais - aquelas da imaginação, do sonho e da memória e com as imagens reais simultaneamente. Contudo, quando não há uma câmera para fotografar, é possível ainda usar o corpo como câmera. Quando a câmera não registra a imagem, é possível recorrer à memória ou à imaginação para acessar esta foto não grafada. Na pesquisa de Victor Domingues a reflexão sobre as imagens mentais também acontece. Quando circula pelas ruas buscando encontrar imagens e histórias no Shopping Chão, também encontra imagens mentais. E quando encontra imagens materiais - como retratos, fotos de família e álbuns de viagens -, na impossibilidade de restaurar o passado dessas pessoas e dessas imagens, acaba por especular e fabular sobre as histórias, imaginando e inventando uma memória para elas. E esse emaranhado imagético que gera tentaculos territoriais desde a Esdi na Lapa até a Maré pode ser chamado de simpoiético,

Registro do Shopping Chão. Fonte: Victor Domingues Venancio.



4 Considerações finais

Chegamos ao final do Seminário Simpoiesdi realizado no seio da pesquisa “Cidade, design e sustentabilidade” com a sensação de termos traçado alguns caminhos para cidades sustentáveis por meio da pesquisa de designers, com atuação cidadã autônoma, mas com potencial para a elaboração de políticas públicas no sentido do cuidado com os territórios para gerar resistência e resiliência às crises socioambientais. Desses encontros, emergiu a percepção de metodologias em comum, sobretudo de caráter colaborativo e experimental, entre pesquisadoras e pesquisadores do LaDA e de outras instituições, e também de atores sociais engajados em questões socioambientais em prol da formação de novas territorialidades potentes na cidade do Rio de Janeiro.

No caso do Espaços Verdes, vemos como ele, de certa forma, se expandiu até a Serra da Misericórdia, no complexo da Maré, por meio da atuação de estudantes de graduação e de pós-graduação em seus processos de pesquisa. Inicialmente a atuação se deu via CEM, mas logo integrou escolas e clínica da família, envolvendo diversos atores em um longo tentáculo simpoiético para valorizar alimentação, educação e saúde, e assim promover regenerações territoriais.

No caso do Shopping Chão, o território se expandiu das calçadas dos bairros da Lapa e da Gloria até a Maré onde os palestrantes presentes começaram uma caminhada com a comunidade através iniciativas locais (Imagens do Povo, Galpão Bela Maré entre outras) de ONGs e hoje devolvem de certo modo à escola de design e seu entorno, formando outro tentáculo simpoiético para valorizar memórias, imagens e imaginários e assim promover ressignificações territoriais.

E não se trata apenas da regeneração e da ressignificação territorial de territórios já existentes e sim, sobretudo, da formação de novas territorialidades tentaculares (do Espaços Verdes à Serra da Misericórdia; do Shopping Chao à Maré) como de novas associações resilientes e resistentes entre atores - sejam eles autônomos ou institucionalizados - como foi o caso entre o Arranjo Local Penha e a nossa unidade universitária. Nesse caminho, as práticas e as teorias do design ganham muitas outras tonalidades de verde.

5 Referências

Biz, P et al. (2018). Design micelial: uma proposta para agricultura urbana a partir dos projetos do Laboratório Espaços Verdes da ESDI/UERJ. *Lugar Comum–Estudos de mídia, cultura e democracia*, número 53, p 26-144.

Cocco, G. Szaniecki, B. (2021). *O Making da metrópole: rios, ritmos e algoritmos*. RioBooks.

Escobar, A. (2017). *Autonomia y diseño – la realización del comunal.* Editora Tinta Limón,.

Florida, Richard. A ascensão da classe criativa. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.

Haraway, D. (2023). *Ficar com o problema - fazer parentes no chthuluceno*. N-1 edições,

Leite, Carlos. Cidades sustentáveis, cidades inteligentes. Desenvolvimento sustentável num planeta urbano. Porto Alegre: Bookman, 2012.

Noury, Meirelles, Pereira, Venancio e Szaniecki. (2025). Imagens do lixoceno: cultivar imaginários por meio do design em um mundo de resíduos. *Anais do X Simpósio de Design Sustentável.* Disponível em: https//www.even3.com.br/anais/xsds2025/1111318-IMAGENS-DO-LIXOCENO--CULTIVAR-IMAGINARIOS-POR-MEIO-DO-DESIGN-EM-UM-MUNDO-DE-RESIDUOS. Acesso em: 14/03/2026

6 Sobre o(a/s) autor(a/es)

Barbara Szaniecki, Dr, Esdi/UERJ, Brasil < szanieckibarbara@gmail.com>

Mariana Borja Costard, Dr, Esdi/UERJ, Brasil <marianacostard@gmail.com>

Vitória Meirelles, Me, Esdi/UERJ, Brasil < vicav2v@gmail.com>

Victor Domingues Venancio, Me, Esdi/UERJ, Brasil < victordominguesvenancio@gmail.com>